

**RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS QUE SUBSIDIAM A SUA CONSTRUÇÃO**

**RECURSOS EDUCATIVOS ABIERTOS EN LA EDUCACIÓN BÁSICA:
SUPUESTOS TEÓRICOS QUE SUBSIDIAN SU CONSTRUCCIÓN**

VAGULA, Edilaine
edilainevagula@yahoo.com.br
UEL - Universidade Estadual de Londrina

RESUMO O estudo teórico-descritivo tem como objetivo analisar as teorias pedagógicas que subsidiam o trabalho com os Recursos Educacionais Abertos, partindo do trabalho participativo e da produção do conhecimento em rede, desenvolvidas por processo de colaboração e cocriação. Como resultados destacamos a perspectiva da aprendizagem colaborativa, dada à importância de o professor criar condições para configurar um ensino em rede, desenvolvendo competências para o emprego colaborativo das tecnologias. Concluímos que o processo de cocriação subjacente à aprendizagem colaborativa, contribui com a discussão sobre novas formas de interação e dialogicidade, possibilitando compartilhar o conhecimento construído coletivamente, ressaltando a importância das mídias no contexto atual da escola.

Palavras-Chave: Cocriação. Colaboração. Educação Básica. Recursos Educacionais.

RESUMEN El estudio teórico y descriptivo tiene como objetivo analizar las teorías pedagógicas que apoyan el trabajo con los Recursos Educativos Abiertos, basado en el trabajo participativo y la producción de conocimiento en red, desarrollado por el proceso de colaboración y co-creación. Los resultados ponen de manifiesto la perspectiva de aprendizaje colaborativo, dada la importancia del profesor para crear condiciones para la creación de una red en la enseñanza, el desarrollo de habilidades para el uso de las tecnologías de colaboración. Llegamos a la conclusión de que el proceso de co-creación subyacente para el aprendizaje colaborativo, contribuye a la discusión sobre las nuevas formas de interacción y de diálogo, lo que permite el intercambio de conocimientos construido colectivamente, haciendo hincapié en la importancia de los medios de comunicación en el contexto actual de la escuela.

Palabras clave: Co-creación. Colaboración. Educacion Basica. Recursos educativos.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teórico-descritivo diz respeito às reflexões das teorias pedagógicas que subsidiam o trabalho com os Recursos Educacionais Abertos - REA, realizadas junto ao desenvolvimento do projeto de pesquisa denominado “Recursos Educacionais Abertos: um estudo junto a professores e alunos da

Educação Básica” que tinha por objeto de estudo buscar referenciais que pudessem preparar os professores da rede pública estadual a utilizar os REA em sua prática.

A era digital contempla a possibilidade crescente de novas formas de comunicação que possam incentivar o professor a compartilhar conhecimento e assumir a aprendizagem como ato coletivo. Nesse sentido, a tecnologia reafirma o seu importante papel de levar o aluno a “aprender a aprender”, valorizando o diálogo e as novas possibilidades de construção do conhecimento escolar. É necessário, então, criar uma cultura tecnológica que tenha como fundamento a prática da colaboração, da cocriação e da coaprendizagem.

Os REAs são disponibilizados gratuitamente e compreendem materiais de cursos, módulos de conteúdo, arquivos de texto, revistas, imagens digitais, músicas, livros, *podcasts*, livros didáticos e videocliques. Trata-se de uma nova possibilidade de compartilhar conhecimento de forma colaborativa, ampliando o acesso a experiências e saberes. Com os REA, pode-se expandir o acesso à aprendizagem, estimular a participação ativa de alunos e contribuir para mudanças em práticas conservadoras, ainda manifestas no cotidiano escolar. Seu potencial educacional é extraordinário, mas sua utilização encontra barreiras de várias ordens, sobretudo em relação a muitos professores que apresentam poucas habilidades para valer-se de inovações tecnológicas.

Os REAs podem ser utilizados por alunos e professores e, por contarem com licença, não é necessário solicitar a autorização ao responsável pelos direitos autorais. Com a abertura legal e o conceito de licenças mais permissivas que possibilitam o uso de maneira mais condizente com a sua prática, o professor pode produzir obras derivadas.

Para os professores da educação básica, os REAs pode apresentar uma nova possibilidade para incentivar a produção do conhecimento, já que é possível acessar e usar diversos materiais selecionados a partir dos objetivos de sua disciplina ou com foco interdisciplinar. O docente conhecendo a realidade dos seus alunos, suas expectativas e necessidades, poderá adaptar o material, tornando-o mais acessível ao grupo, ou criar novos REAs para compartilhar com professores de diversas instituições. O processo de criação pode ser desenvolvido pelo professor individualmente, ou em parceria com seus alunos e/ou professores de sua área. O

material adaptado será compartilhado na rede, colaborando com o trabalho realizado por outros professores, ampliando as possibilidades de ensino com pesquisa, levando o professor a construir seu plano de aula de forma inovadora, sem apoiar-se somente no livro didático, como única ferramenta de trabalho, valendo-se de diferentes estilos de aprendizagem. Assim, ao aplicá-lo em sala, pode incluir atividades colaborativas de seus alunos, complementando ou inserindo novos elementos. A colaboração pode ampliar o pensamento dos alunos, tornando-os mais politizados; pode desenvolver a criticidade e o compartilhamento das ideias; contribuir para o surgimento de novas formas de conceber um determinado tema, gerando novos significados pelo processo de cocriação. Essa colaboração por meio de um trabalho coletivo estimula a reflexão e, com a vivência de novas experiências de aprendizagem, pode possibilitar a transformação pela construção de uma comunidade de aprendizagem.

O mais importante é conscientizar o professor de que, para fazer parte do movimento REA, ele não precisa ser um exímio conhecedor das tecnologias, programas e mídias digitais. É fundamental, no entanto, que ele se conscientize da necessidade de compartilhar o material que produz, pois, em nossa experiência como pedagoga em escolas da rede pública, constatamos que o professor resiste em compartilhar sua própria produção, é muito individualista, enquanto que o exercício da colaboração deve ser vivenciado no cotidiano escolar, a fim de que se possa “aprender a aprender” e avançar em termos de qualidade dos resultados da turma. Medeiros (2000) salienta a necessidade de superar a identidade individualista que leva o professor a exercer ações isoladas em relação às mídias, afim de que se construa uma ação crítica e reflexiva.

2 COLABORAÇÃO

O paradigma da sociedade do conhecimento apresenta uma visão de totalidade e, para acompanhar as mudanças tecnológicas, é necessário centralizar nossas metas no aprender e não somente no ensinar, possibilitando a construção individual e coletiva do conhecimento, desenvolvendo uma postura investigativa e de pesquisa, que talvez propicie ao aluno a reflexão sobre os conteúdos. Assim, “a

aprendizagem colaborativa precisa ter como referência uma prática pedagógica num paradigma emergente”. (MASETTO; MORAN; BEHRENS, 2003, p. 86).

É importante observar que, no mundo tecnológico, o termo colaboração tem direcionado a atenção de muitos, ocupando lugar de destaque nos estudos que discorrem sobre os REAs. Nesse contexto, as abordagens teóricas permitem compreender a colaboração como resultado de uma atividade compartilhada por um grupo que articula suas ações para atingir objetivos em comum, dividindo responsabilidades. A divisão de tarefas leva ao sucesso compartilhado entre duas ou mais pessoas. As investigações atuais de pesquisadores como Poellhuber, Fortin e Rosa (2010, p. 546) definem como pilares da aprendizagem colaborativa:

[...] a busca de um objetivo comum, o estabelecimento de um clima de colaboração, a interdependência positiva dos membros na busca desse objetivo (frequentemente estruturada por uma combinação de recompensas de grupo ligadas aos desempenhos individuais), uma estruturação forte das atividades, o retorno sobre o funcionamento do grupo.

Vale ressaltar que aprendizagem colaborativa estabelece fortes elos entre os membros do grupo “[...] os aprendizes confrontam situações complexas e incertas da vida real e são incentivados ao questionamento, à troca, à reflexão coletiva, ao consenso, à crítica e autocrítica, à autonomia no seu próprio processo de aprendizagem.” (CRUZ; ASSIS, 2007, p. 109).

Em uma argumentação semelhante e, nesta mesma linha de pensamento, Kenski (2003, p.112) salienta que:

A colaboração [...] pressupõe a realização de atividades de forma coletiva, ou seja, a tarefa de um complementa o trabalho de outros. Todos dependem de todos para a realização das atividades, e essa interdependência exige aprendizados complexos de interação permanente, respeito ao pensamento alheio, superação das diferenças e busca de resultados que possam beneficiar a todos.

Quando o aluno realiza uma atividade colaborativa observa-se, também, que, em um primeiro momento, desenvolve o trabalho sozinho para, posteriormente, contar com auxílio de outro indivíduo, o que muitas vezes, resulta em relações hierárquicas.

Em consonância com esta dimensão conceitual, Torres (2007) caracteriza a aprendizagem colaborativa como uma metodologia organizada por meio do trabalho

em grupo que possibilita aos alunos apropriarem-se de conhecimentos de forma coletiva em um processo dialético de troca de saberes. Assim, os grupos compartilham do mesmo objetivo, as relações deixam de ser hierarquizadas, práticas conservadoras cedem lugar à colaboração, em um processo ativo de construção do conhecimento. Neste contexto, o papel de cada participante é organizado no grupo, as decisões são compartilhadas e, como facilitadores deste processo, os professores estimulam nos alunos o desenvolvimento da corresponsabilidade pelo desempenho dos demais estudantes.

Vinculado a esta prática, o aluno que trabalha colaborativamente é um sujeito que participa ativamente e interage com seus pares, sente-se responsável pelo desempenho do grupo, auxilia a aprendizagem de outros elementos do grupo, aprimorando suas habilidades interpessoais, envolvendo-se com a tarefa. Cabe pontuar que, se interagem de forma dinâmica com o conteúdo da disciplina, mediados pelo professor, os alunos confrontam saberes, constroem e reconstróem conhecimento. Cumpre ressaltar, ainda, que a colaboração e a interação são linhas que provocam a aprendizagem que se vale do computador e do acesso à internet. Assim, a aprendizagem colaborativa se consolida, por meio de diversas interfaces de interação. Neste entendimento, Assis e Cruz (2007, p. 108) concluem:

Pode-se afirmar que aprender cooperativamente implica a troca entre pares, interação entre iguais e intercâmbio de papéis, de forma que possa existir uma troca constante de funções em diferentes momentos, de acordo com as necessidades do processo.

A sala de aula é um espaço dinâmico onde ocorrem interações de cunho pedagógico, social e afetivo e, assim sendo, é necessário repensar as expectativas e relações estabelecidas, propondo transformações. Uma delas seria a alteração na disposição das carteiras para tornar o espaço mais acolhedor e propício à aprendizagem colaborativa. Isso porque salas com carteiras enfileiradas dificultam o diálogo e a interação, contribuindo para práticas tradicionais, com reduzida interação.

A disposição é importante, pois a aprendizagem colaborativa se concretiza na sala de aula, principalmente, por meio do trabalho realizado entre professores e alunos e entre alunos e seus pares visando à construção do conhecimento de forma

ativa, direcionada por objetivos educacionais delimitados para o grupo. A organização dos alunos em uma comunidade de aprendizagem contribui para o desenvolvimento do processo de colaboração, desenvolvida pela interação entre seus componentes, e envolve a construção coletiva do conhecimento e realização de atividades significativas, além da troca de saberes e de atividades que possam contribuir para a efetiva aprendizagem.

Na colaboração é desejável que ocorra um processo de autogestão do aluno por meio da interação com o objeto de conhecimento e a tecnologia, que se organizam para atingir objetivos comuns e exercitam a prática de trabalhar em grupo, assumindo compromisso com a aprendizagem de seus colaboradores. Os conflitos são trabalhados no grupo e os pensamentos divergentes promovem a criatividade e mobilizam o aluno para a construção do conhecimento. O professor, como facilitador da aprendizagem, cria situações de aprendizagem que conduzam o aluno à pesquisa e à investigação.

Matthews et al. (2006, apud Torres, 2007, p.341) sintetizou algumas principais características da aprendizagem colaborativa:

Os próprios alunos são responsáveis pela organização do grupo, a definição de papéis é negociada e definida pelos alunos; o professor encaminha as perguntas de volta para os alunos responderem; o trabalho avaliado pelos alunos em sala não é entregue ao professor, sendo apenas mais um estágio do trabalho final; os alunos não recebem treinamento especial para trabalharem em grupo, pois o professor acredita que eles são participantes responsáveis que já usam habilidades sociais para desenvolver e completar atividades no trabalho colaborativo; os alunos resolvem os conflitos no grupo; os teóricos e praticantes dessa proposta metodológica tendem a vir da área humanística e das ciências sociais.

Alcântara e Behrens (2004) apresentam as bases teóricas da aprendizagem colaborativa com foco na motivação para aprender. Para os autores, esses princípios tiveram início com a escola nova, a qual proporcionou atividades relevantes e significativas através de experiências inovadoras e, atualmente, estão voltados para a resolução de problemas e a valorização de aptidões e necessidades dos educandos.

A utilização das ferramentas da WEB 2.0 possibilita a interação e a colaboração, já que, na rede, somos produtores de conhecimentos, autores de transformações assentadas no desafio de levar o aluno a aprender, sem colocá-lo

apenas diante de um grande contingente de informações, expondo-o a situações em que possa agir criticamente em relação a estes saberes. A interação é um dos caminhos para impulsionar trocas recíprocas, entre alunos e professores e, por isso, destacamos a emergência destas práticas, gerando formas híbridas de aprendizagem. Interessa-nos esclarecer que a centralidade deste processo está na mediação pedagógica, exercida pelo professor que funde colaboração e interação por intermédio do exercício do diálogo, criando novas estratégias e recursos apoiados no uso das TICs. Assim, o professor potencializa saberes, possibilitando o desenvolvimento de processos democráticos de acesso via interação multidirecional à medida que contribui com os alunos no sentido de orientá-los a trabalhar em grupo.

Os processos e estratégias colaborativas integram uma abordagem educacional na qual os alunos são encorajados a trabalhar em conjunto na construção das aprendizagens e desenvolvimento do conhecimento. A aprendizagem colaborativa é baseada num modelo orientado para o aluno e o grupo, promovendo a sua participação dinâmica nas actividades e na definição dos objectivos comuns do grupo. (DIAS, 2004, p. 15).

Por outro lado, Marriott e Torres (2006) consideram que a aprendizagem colaborativa centra-se no aluno, pois não se observa uma monitoria ativa do docente. Os alunos se organizam no grupo e responsabilizam-se por suas ações; o professor concede autonomia ao grupo e, por meio da interação, favorece o alcance de objetivos comuns. Os alunos, então, passam a encontrar mecanismos para buscar o conhecimento. Para trabalhar de forma colaborativa, é necessário empreender alterações na prática pedagógica, a fim de problematizar os conteúdos e mobilizar o aluno para a construção do conhecimento. Aproximando professores e alunos por meio da tecnologia, é possível atender a diferentes estilos de aprendizagem e novos espaços de produção de conhecimento são criados.

A aprendizagem colaborativa é um processo de reaculturação que ajuda os estudantes a se tornarem membros de comunidades de conhecimento, cuja propriedade comum é diferente daquelas comunidades a que já pertencem. Assume, portanto, que o conhecimento é socialmente construído e que a aprendizagem é um processo sociolinguístico. (TORRES, ALCÂNTARA, IRLA, 2004, p.7).

O paradigma emergente subsidia a prática colaborativa, supera a mera reprodução, confere visão de totalidade, levando professores e alunos a produzirem

conhecimentos e novos procedimentos metodológicos. A intenção do trabalho com o REA era de possibilitar mudanças na ação docente, incentivar o professor a refletir sobre a sua prática, permitindo ao aluno a reflexão, a investigação e a colaboração com seus pares. “O paradigma emergente exige conexões e inter-relações dos agentes envolvidos no processo de ensinar e de aprender. Com essa visão, ao buscar uma aprendizagem colaborativa, o professor pode optar por diversas metodologias”. (BEHRENS, 2005, p.77).

Muitos de nós, professores, almejamos a busca da aprendizagem significativa e, valendo-nos de uma rede colaborativa, realizamos trocas de saberes, construímos novas experiências. Behrens (2010a) sugere que é necessário que o professor, em sua prática pedagógica, assim proceda, ou seja, valorize a aprendizagem colaborativa. Para tornar isso possível, é necessário realizar mudanças na metodologia de ensino, possibilitando ao aluno práticas desafiadoras. Muitas barreiras, entretanto, devem ser superadas, pois ainda existem muitos professores que exercem seu trabalho em sala de aula utilizando-se apenas do livro didático e do quadro de giz.

A missão do professor é de “[...] ultrapassar a reprodução para a produção do conhecimento [buscando] opções metodológicas que caracterizem uma ação docente compatível com as exigências e necessidades do mundo moderno” (BEHRENS, 2010a, p. 62). Nessa perspectiva, é importante que o docente reflita sobre a finalidade da sua ação educativa, reconhecendo as potencialidades de seus alunos e o tempo em que atua.

O aluno deve ser visto como ser complexo e competente, mas, para que se atinjam os objetivos é necessário estabelecer o respeito entre as pessoas, por meio de um ambiente harmonizador. “Com a globalização, os pressupostos de informação foram ampliados, e os alunos podem acessar com independência o universo da rede de informação” (BEHRENS, 2010b, p. 66). Como a tecnologia oferece suporte à interação, amplia a linguagem multimidiática utilizada pelo uso do computador e da internet, possibilita a autoria a professores e alunos de forma autônoma.

Considerando-se que o mundo globalizado é, também, marcado pela evolução das ciências, das tecnologias e das inúmeras informações disponíveis no ciberespaço, não há como ignorar que “[...] tudo isso gera um descompasso na

forma como pensamos, fazemos e sentimos, fruto da própria complexidade de nossa dinâmica evolutiva [...]”. (GUEVARA; DIB, 2007, p. 1). Assim, é essencial que o indivíduo saiba organizar o conhecimento, uma vez que não lhe basta ter acesso a esses saberes, mas ter consciência acerca deles e adquirir competências para saber lidar com o crescente volume de informações. Em tal postura, é viável escolher-se o que precisa ou se deseja aprender, respeitando estilos de aprendizagem e flexibilidade em relação ao ritmo de aprendizagem. A era da globalização deve repercutir em aprendizagem de qualidade, com o estabelecimento de uma nova compreensão da perspectiva dialógica e do papel das mídias no contexto escolar e encorajar o professor a planejar, colaborativamente com o aluno, o uso do REA, modificando suas concepções diante do paradigma da aprendizagem em rede.

Cumprir reforçar que professores e alunos aprendem de forma criativa e dinâmica, baseados em um ensino dialógico e de descoberta, e que se transformam em parceiros solidários, ao mesmo tempo em que se apropriam da colaboração. O conhecimento científico, colocado à disposição do aluno, possibilita a pesquisa em fontes diversas, trabalho que poderá ser acompanhado pelo professor o qual, ao fazer isso, desenvolve conteúdos atitudinais e faz registros sobre o processo, para, por meio de uma avaliação formativa, verificar em que medida os objetivos educacionais foram atingidos.

A utilização da rede de informações pode favorecer a formação do aluno pesquisador, empenhado em construir o conhecimento, adotando atitudes teóricas e práticas, e que, futuramente, poderá atuar junto a problemas que surgirem em seu cotidiano. Para que isso seja viabilizado, é necessário que as instituições revisem seu trabalho pedagógico. “Precisamos da educação ao longo da vida para termos escolha. Mas precisamos dela ainda mais para preservar as condições que tornam essa escolha possível e a colocam ao nosso alcance” (BAUMAN, 2007, p. 167).

A aprendizagem colaborativa possibilita o surgimento de novas competências e de estratégias de ensino e aprendizagem mais condizentes com o papel do professor na sociedade digital. Neste contexto, a tecnologia dará os subsídios necessários para que a interação e a colaboração aconteçam pela mediação pedagógica do professor, criando redes de aprendizagem.

No que diz respeito ao trabalho com o REA, este representa aprendizagem

colaborativa adequada ao contexto escolar da educação básica, que desenvolve competências e habilidades com o uso da WEB 2.0, levando o aluno a posicionar-se criticamente diante dos conteúdos escolares através da interação com seus pares e a problematização. O conhecimento, então, passa a ser construção coletiva.

A intenção do estudo foi de investigar possibilidades de colaboração na prática docente, capacitando os professores a criar, recriar e reutilizar REA e analisar os materiais já disponibilizados em repositórios. É preciso, ainda, destacar que, ao elaborar o REA para ser utilizado na educação básica, é importante que o docente tenha como princípios clareza, objetividade e contextualização de conhecimentos para que os objetivos propostos sejam atingidos. Além disso, o material precisa ser preparado com conteúdo significativo e acessível a todos os alunos, o que favorece a interatividade.

Cumprir lembrar que o ensinar e o aprender vão além da sala de aula, e que a mudança não envolve apenas o professor, mas a escola também, por meio da criação de um espaço-tempo que possibilite a formação continuada dos professores, a fim de que estes reflitam sobre o impacto da tecnologia. É desejável que sintam-se impelidos a explorar ao máximo as possibilidades tecnológicas, analisando as tendências atuais de um novo modelo de ensino que possa significar bons resultados quanto ao aproveitamento escolar. Isso reforça nossa convicção de que os docentes precisam ser encorajados a enriquecer suas aulas com outros materiais, além do quadro de giz e do livro didático.

3 COCRIAÇÃO E COAPRENDIZAGEM

Como a disseminação das diversas interfaces abertas do ciberespaço potencializou a colaboração, os REAs passaram a oferecer possibilidade de renovar práticas pedagógicas, fomentar o diálogo e a participação coletiva, com a cocriação fazendo uso dos recursos tecnológicos e metodológicos presentes na Web 2.0.

O REA, como suporte da aprendizagem aberta e colaborativa, permite a multiplicação do conhecimento, oferece possibilidades de contribuição de outros colaboradores, propiciando a parceria no processo de produção do conhecimento de forma interativa, vivenciando experiências comuns e possibilitando a criação de significados, ou seja, utilizando-se do que se conhece por coaprendizagem, cujo

conceito

[...] foi descrito por Smith para enfatizar a importância de mudar ambos os papéis, tanto dos professores como distribuidores de conhecimento e dos estudantes de recipientes de conteúdos para 'coaprendizes', ou seja, parceiros no processo colaborativo de aprendizagem, na construção de significados, compreensão e na criação de conhecimento em conjunto. (OKADA, 2008, p. 5, grifos da autora).

Para Moreira (2009), a autoria e a coautoria como estratégias pedagógicas fazem uso de linguagens diversificadas e exigem trabalho compartilhado, devido ao fato de não dominarmos a tecnologia em sua totalidade. Com tais recursos, o relacionamento professor e aluno torna-se mais dinâmico e humano, todos colaboram, constroem conhecimento e desenvolvem novas habilidades. Esta prática oferece a oportunidade de o aluno criar e cocriar em diferentes suportes, gerando significativas mudanças em sua aprendizagem. A autora acrescenta que os processos de criação, troca e compartilhamento de REA, com o surgimento da WEB 2.0, tornaram-se mais significativos e acessíveis e destaca a

[...] importância da coaprendizagem onde coaprendizes desempenham papéis importantes, tais como: cocriação REA, compartilhamento coletivo de feedbacks e comentários, co-orquestração de sua produção e socialização em rede do processo de coaprendizagem bem como dos caminhos de aprendizagem colaborativa. Todos estes papéis ajudam usuários a produzir e disseminar mais REA que podem ser úteis para novos aprendizes. (OKADA, 2008, p. 5).

Pode-se pensar que a coaprendizagem, segundo Okada et al. (2011) permite ampliar as possibilidades de coautoria em relação ao REA, possibilitando a troca de feedback e de comentários, com os alunos sentindo-se motivados a compartilhar suas produções e seu processo de aprendizagem. Assim, segundo a autora, os sujeitos disseminam a informação, sendo um caminho para a coaprendizagem, em que qualquer usuário da web pode contribuir, ampliando formas de comunicação e com baixo custo.

Através da colaboração, construímos experiências de aprendizagem, desenvolvemos competências, assim, professores e alunos constroem conhecimento em coautoria. Utilizando diversas formas de comunicação, ao selecionar elementos para produção do REA, as ideias podem se ampliar e serem compartilhadas. Trabalhando em conjunto, produzimos conhecimento e partilhamos

feedback, as contribuições passam a ser valorizadas e criam-se novas estratégias de coautoria, o que contribui para a formação do aluno pesquisador.

O processo de criação e adaptação propicia a disseminação do conhecimento, aos poucos os autores criam estratégias para facilitar a adaptação e cabe ao professor incentivar a reutilização, trabalhar as licenças, levando-os a aprimorar suas habilidades em relação à tecnologia, revisão, remix¹ e redistribuição. O REA por oferecer materiais que estão sob o domínio público, ou apresentarem licenças menos restritivas, podem ser modificados, gerando novas produções, permitindo assim, a remixagem por outros. Professores e alunos, assim, participam de um processo de coaprendizagem, tornando-se parceiros no processo de realizar sua própria interpretação, reconstruindo saberes, ou melhor, seus saberes.

A coaprendizagem em rede constitui um processo de cocriação, a partir da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). O termo coaprendizagem está associado à aprendizagem colaborativa e cooperativa, com a mediação ocorrendo em um processo de compartilhamento da mediação pedagógica, em uma prática aberta e flexível. De acordo com Bruno et al.:

[...] um REA está vinculado a uma produção colaborativa e deve potencializar a autoria de forma que possa ser reutilizado, reaproveitado e remixado, visando ressaltar “o conhecimento como bem cultural que deve ser acessível para todos”. Na colaboração, cada participante assume a responsabilidade do trabalho como um todo, não há fracionamento, os membros do grupo têm igualdade na responsabilidade pela confecção do trabalho proposto. A parceria é um elemento fundamental nesse processo, pois é por meio dela que a partilha pode efetivamente ocorrer. Por sua vez, parceria e partilha, num campo rizomático, nos trazem a dimensão da coletividade. (BRUNO et al., 2012, p.4, grifo do autor).

Okada (2008) considera relevante que o professor tenha contato com a teoria dos estilos de aprendizagem para que possa compreender a aprendizagem percebendo, como as pessoas aprendem na rede. Os estilos de aprendizagem dizem respeito às preferências e às formas individualizadas de aprender de cada indivíduo, seu ritmo de trabalho, influenciando a sua maneira de agir em grupo. Conhecendo seu estilo, o estudante pode aprimorar as suas formas de participação.

¹ Remix diz respeito à possibilidade de combinar um recurso original ou modificado com outros recursos e assim, construir um novo recurso.

Analisando a origem do conceito de coaprendizagem (Colearn 2.0)², constatamos que é fruto de pesquisas no *Knowledge Media Institute*, o qual foi criado em 1995, a partir da necessidade da Universidade Aberta estar na vanguarda da pesquisa, assim, surgiram investigações sobre o emprego de diversas interfaces tecnológicas com a utilização da web 2.0, ou seja, tornando concreta a coaprendizagem por meio dos REAs. A educação aberta colaborativa possibilita a construção de conhecimentos gerados na rede, democratizando o acesso, favorecendo compartilhamento e reconstrução do conhecimento de forma colaborativa, por meio da qual, os atores tornam-se mais autônomos em relação a esta construção, gerando práticas transformadoras.

[...] aprendizes que sabem como usar recursos abertos e redes colaborativas para aprender são aprendizes comprometidos com seu próprio processo de aprender, capazes de fazer suas próprias escolhas, ampliar seus contatos, compartilhar reflexões e experiências, obter e avaliar feedback, investigar mais ao seu redor e ir em busca de aprender não só “o quê” e “onde”, mas também, “como” e “com quem” (OKADA et al, 2010 apud OKADA, 2011, p. 10).

A coaprendizagem aberta com REA propicia a renovação de nossas práticas educativas, amplia a comunicação entre os alunos e as possibilidades educacionais, aproxima pessoas pelo conhecimento produzido e compartilhado em rede, desenvolve a cooperação, contribui para o surgimento de situações inovadoras, favorecendo a interação entre os participantes e o acesso à grande quantidade de informações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam para a necessidade de redefinição quanto à utilização de metodologias inovadoras, demonstrando sua validade quanto à produção do conhecimento e o estabelecimento de práticas de colaboração, por meio de um processo de cocriação e coaprendizagem, possibilitados pelo REA.

A coaprendizagem, portanto, induz alunos e professores a serem autores de sua prática por meio da cocriação REA, desde o processo de produção até a socialização, sendo um caminho para a aprendizagem colaborativa, que possibilita,

² Colearn 2.0 – coaprendizagem baseada na aprendizagem aberta e colaborativa na web 2.0.

assim, a coaprendizagem aberta com REA propicia a renovação de nossas práticas educativas, amplia a comunicação entre os alunos e as possibilidades educacionais, aproxima pessoas pelo conhecimento produzido e compartilhado em rede, desenvolve a cooperação, contribui para o surgimento de situações inovadoras, favorecendo a interação entre os participantes e o acesso à grande quantidade de informações.

Com o desenvolvimento da habilidade de trabalhar cooperativamente com seus pares, professores passam a ser autores de um saber que é próprio e construído a partir de conhecimentos teóricos e práticos.

O desafio está posto para professores e alunos, para que possam produzir REAs de forma colaborativa, com diversos suportes e linguagens, oferecendo a oportunidade de circular diversos saberes entre as pessoas, tornando a sala de aula espaço de construção crítica do conhecimento, ao mesmo tempo em que pode elevar a autoestima, uma vez que pode conferir maior autonomia e responsabilidade aos alunos. Isso porque a aprendizagem colaborativa centra-se no grupo, mas também trabalha o aluno individualmente.

Os professores precisam desenvolver habilidades para utilizar e produzir REA com seus alunos, considerando-os como sujeitos produtivos, motivando-os a pesquisar e produzir conhecimentos. Como todas as etapas são discutidas colaborativamente, possibilitando a participação intensa dos envolvidos, os REAs podem ampliar o processo de comunicação entre os professores e alunos, possibilitando aprendizagem colaborativa, valorizando, assim, as relações entre os pares.

EDILAINE VAGULA

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora do Departamento de Educação do Centro de Educação, Comunicação e Arte da Universidade Estadual de Londrina e da Educação à Distância na Universidade Norte do Paraná.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, P. R.; BEHRENS, M. A. A interconexão da metodologia de projetos com utilização de recursos informacionais num paradigma da complexidade. *XII ENDIPE - Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação*. v.2. Curitiba: Champagnat, 2004. 301p.

BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEHRENS, M. Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *Tecnologias na Escola 2*. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 01 Jun.2015.

BEHRENS, M. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010a.

BEHRENS, M. Formação pedagógica on-line: caminhos para a qualificação da docência universitária. IN: SOMMER, L. H. (Org.). Educação à distância e formação de professores: problemas, perspectivas e possibilidades. *Em Aberto*, Brasília, v.23, n.84, nov, 2010b. p.47-66.

BRUNO, A. et al. Coaprendizagem em rede na formação docente: plasticidade, colaboração e rizomas. In: OKADA, A. (Ed.) (2012) *Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development*. London: Scholio Educational Research & Publishing, 2012.

ASSIS, E. M. d A.; CRUZ, V. A.G. d. Material Didático em Ead: A Importância da Cooperação e Colaboração na Construção do Conhecimento. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 13, n. 24, p. 103-114, jan./jun. 2007

DIAS, P. *Desenvolvimento de objectos de aprendizagem para plataformas colaborativas*. Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2004/plenaria/plen3-12.pdf>>KENSKI, V.> Acesso em: 08 abr. 2014.

GUEVARA, A. J., DIB, V. C. Da sociedade do conhecimento à sociedade da consciência: a importância da visão transdisciplinar. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE CONSCIÊNCIA, 2, 2007, Salvador. Anais. Salvador. Fundação Ocidente, 2007 (CD-ROM). Disponível em: <http://www.conscienciologia.pro.br/artigos_congresso_26.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2012.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARRIOT, Rita de Cassia Veiga ; TORRES, P. L. . *Tecnologias educacionais e educação ambiental: uso de mapas conceituais no ensino e na aprendizagem*. Curitiba: FAEP, 2006.

MEDEIROS, J. B. *Comunicação em língua portuguesa: para os cursos de jornalismo, propaganda e letras*, São Paulo, Atlas, 2000.

MORAN, J. M., MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 7. ed. São Paulo, SP.: Papirus, 2003.

MOREIRA, M. A. *Teorias de Aprendizagem*. 3. Ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2009.

OKADA, A. et al. Coaprendizagem através de REA e Mídias sociais. In: _____. *Recursos Educacionais Abertos e Redes Sociais: coaprendizagem e desenvolvimento profissional*. Openscout tool-library Team. 2008. Disponível em: <<http://people.kmi.open.ac.uk/damian/oer/wp-content/uploads/2012/06/OPENSCOUT.pdf>> Acesso em 25 jun. 2015.

OKADA, A. COLEARN 2.0 – coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais. *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011. p.1-15. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5813/4128>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

POELLHUBER, B.; FORTIN, M. N.; ROSA, S. F. S. As particularidades e os fatores de sucesso na colaboração a distância entre professores no âmbito do projeto Cégeg em Rede. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 10-, n.31, p.541-560. Set-dez. 2010.

TORRES, P. L. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem: EUREK@KIDS. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 27, n. 73, p. 335-352, set./dez. 2007

TORRES, P. L.; ALCÂNTARA, P. R.; IRALA, E. A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1...>. Acesso em: 17 fev. 2015.